

PROPOSTA DE ATUALIZAÇÃO DA TERMINOLOGIA DA FORMAÇÃO DE PALAVRAS DA NGB: O ESTRUTURALISMO LINGUÍSTICO

Kelma Gomes Mendonça Ghelli¹

RESUMO: Este artigo apresenta uma proposta terminológica com algumas sugestões para uma possível atualização científica da NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira). Apoiamo-nos em um ponto de vista linguístico, dentro das ideias estruturalistas e também da Lexicologia. Percebemos ao longo do trabalho que os termos já consignados na NGB de 1959 carecem de uma reformulação e possível atualização, porque eles já não correspondem à realidade da pesquisa e do conhecimento da Morfologia nos dias atuais. Assim, procuramos aproveitar o máximo possível da nomenclatura tradicional, que já está consolidada na memória dos falantes, propondo modificações apenas naqueles pontos em que a mudança vai facilitar, para o aluno, a assimilação mais científica da língua. A proposta de reformulação terminológica cinge-se ao mínimo necessário à atualização do tópico: “formação de palavras” da NGB atual.

PALAVRAS-CHAVE: NGB. Proposta Terminológica. Estruturalismo.

ABSTRACT: This article presents a terminological proposal with some suggestions to a possible scientific update of the BGN (Brazilian Grammatical Nomenclature). We base our search on a linguistics point of view, according to the Structuralism and Lexicology. We realized during the work that the terms already consigned in the BGN of 1959 need a reformulation and a possible update because they do not correspond to the reality of the research and of the morphological knowledge recently. In this way, we try to make good use of the traditional nomenclature, which is already consolidated in the memory of the speakers, proposing changes at just those points in that the change will make it easier to the student, emphasizing the assimilation more scientific of the language. This proposal of terminological reformulation is about the necessary minimum to the update of the topic: “words formation” of the recent BGN.

KEYWORDS: BGN. Terminological Proposal. Structuralism.

Nossa pesquisa teve como pilares básicos a descrição e a análise apresentada pelos gramáticos e estudiosos da língua, no que se refere aos processos de formação de palavras. A partir deste estudo, proporemos algumas sugestões para uma possível atualização científica da NGB, pois acreditamos que ela necessita de uma reforma urgente fundada e

¹ Fundação Carmelitana Mário Palmério – FUCAMP. E-mail:

uma análise que parta de dimensões teóricas e práticas, que descrevam e expliquem o funcionamento, e a estrutura da Língua Portuguesa. Estes procedimentos são cruciais para o encaminhamento e ajustamento da prática educativa no ensino fundamental e médio.

Acreditamos também que o caminho para uma reformulação e atualização não poderá ficar restrito à adoção de termos gramaticais, aleatoriamente como têm feito as gramáticas normativas, mas deve pautar-se em um processo de análise linguística que faça com que “além de se utilizarem a linguagem, sejam capazes de refletir sobre ela (...) de categorizar, substituir e reconhecer a sua organização sistemática (...) pois é certo que temos aptidões para descobrir regularidades, generalizar e refletir” (Tolchinsky Landsmann, 1995, p. 36/61).

Nessa perspectiva de mudança e atualização, é que apresentamos uma proposta terminológica mais minudente do que a apresentada pela NGB e constituir-se-ão um tópico da Lexicologia, não mais da Morfologia.

1. CONCEPÇÃO TEÓRICA: O ESTRUTURALISMO LINGUÍSTICO

Para qualquer tomada de posição sobre a terminologia gramatical, é importante que o estudioso da língua adote uma linha de trabalho, fundada em um ponto de vista linguístico.

O Estruturalismo é mais do que um método, uma tendência ou uma teoria. É um ponto de vista epistemológico e nem mesmo as ideias gerativistas de Chomsky escapam às concepções gerais deste modo de pensar as ciências humanas. É uma forma de perceber e entender a realidade e sua origem se enraíza em uma teoria do conhecimento.

Criado inicialmente pela Linguística, no início do século XX, expandiu-se repercutindo nos vários campos das ciências humanas. Houve uma Antropologia Estrutural, uma Psicologia Estrutural, uma Sociologia Estrutural, etc. Atingiu, nos anos 1960 e 1970, o seu apogeu, e aos poucos, foi decaindo de influência, cedendo lugar a outros pontos de vista de maior prestígio.

Queremos com isso dizer que nos apoiaremos em um ponto de vista linguístico, dentro das ideias estruturalistas e, para tal, cremos ser necessária uma reflexão sobre os termos: *estrutura*, *sistema* e *língua*.

A chamada Linguística Estrutural tem em Ferdinand de Saussure (1857 – 1913) o ponto de partida da maioria das concepções e orientações dos estudos linguísticos da época, em oposição ao método histórico-comparativo do século XIX.

É por demais sabido que, sobre as questões e princípios teórico-metodológicos por ele discutidos nos cursos que ministrou em Genebra e que constituem a base de seu pensamento, nada publicou ou deixou escrito. Também é sabido após sua morte (1913), dois de seus discípulos, Charles Bally e Albert Sechehaye, com auxílio das anotações das aulas, recompuseram seus cursos e publicaram, em 1916, a famosa obra que mudaria os rumos dos estudos linguísticos: *Curso de Linguística Geral*. Algumas incoerências encontradas nesse texto fundamental ou mesmo a obscuridade na exposição de conceitos podem ser explicados pelo fato de não ter sido ele o escritor da própria obra.

Saussure (1969), insatisfeito com as orientações dos estudos linguísticos de sua época, procura, antes de tudo, encontrar fundamentos sobre os quais se deveria pautar a ciência da linguagem. Critica primeiro a Gramática, desde sua origem com os gregos e baseada na Lógica, sendo unicamente um conjunto de regras para distinguir formas “corretas” e “incorretas”. E por ser um estudo desprovido de qualquer visão científica”, por não se firmar na “pura observação” e porque seu “ponto de vista é forçosamente estreito”.

Ao enfoque dado aos comparativistas e neogramáticos que abordavam a língua considerando-a uma sucessão de transformações ao longo do tempo, Saussure contrapõe uma teoria que considera a língua, uma parte essencial da linguagem, um produto social representado por um conjunto de unidades formais que possibilita às pessoas o exercício dessa linguagem, em um dado estágio de sua história. Essa é a dicotomia saussuriana *diacronia/sincronia* – duas perspectivas diferentes na abordagem do mesmo fenômeno.

A grande novidade linguística reside no fato de ele considerar de real pertinência o *sistema*, que reúne os elementos constitutivos de uma língua. Opôs-se, assim, à tradição dos neogramáticos que, apegados ao historicismo da língua, estudavam os elementos isoladamente. De fato, não se negou que toda linguagem está em evolução em todos os momentos de sua história. E Saussure afirma: “*Le système n’est jamais que momentané; il varie d’une position à l’autre*” (1969, p. 8). “*En pratique, un état de langue n’est pas un point, mais un espace de temps plus or moins long...*” (SAUSSURE, 1969, p. 126).

A opção pelo estudo sincrônico, sem negar a validade do diacrônico, leva o estudioso da língua a compreender o seu objeto de estudo internamente, por meio do funcionamento e da sua estrutura, não se levando em conta o modo como aí chegou. Portanto, o estudo dos fatos do sistema deve procurar explicar como funciona os elementos constitutivos para que tal objeto exista e possa se realizar e como afirma FREITAS (1981:

24): “só um ponto de vista, estruturalmente sincrônico, permite depurar os fenômenos linguísticos”.

A linguagem, em sua totalidade conceitual, apresenta-se também sob a forma de dualidade – possui a sua face de sistema simbólico organizado e mantido pela sociedade (aspecto social da linguagem) e sua face de realização por meio da atividade do indivíduo no momento da comunicação verbal. Saussure chamou de *langue* (língua) ao sistema e à realização individual do sistema, de *parole* (fala). A língua é, portanto, o sistema que proporciona às pessoas do grupo social, o entendimento, a comunicação. Então, ela, a língua, é uma pré-condição da fala, uma atividade do falante.

Chega, assim, a compreensão de que a língua é uma *forma* e não uma *substância*:

[...]a língua é uma *forma* e não uma *substância*. Nunca nos compenetraremos bastante dessa verdade, pois todos os erros de nossa terminologia, todas as maneiras incorretas de designar as coisas da língua provêm da suposição involuntária de que haveria uma substância no fenômeno linguístico (p. 141).

Entende a língua como um sistema de valores compreendido pelas relações funcionais de suas unidades constitutivas, independente do caráter físico, substancial em que se manifestam. A língua é uma forma, portanto, todas as suas unidades são elementos formais distintivos.

E Saussure ainda defende que:

Tudo que precede [dito anteriormente] equivale dizer que na *língua* só existem *diferenças*. E mais ainda: uma diferença supõe em geral termos positivos entre os quais ele se estabelece; mas na língua há apenas diferenças sem *termos positivos*. Quer se considere o significado, quer o significante, sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultante deste sistema (CLG. 139).

Compreendidas as unidades linguísticas e o sistema como um conjunto organizado de formas que se opõem, torna-se aceitável a afirmação de Saussure (CLG. 141):

A língua é, por assim dizer, uma álgebra que teria apenas termos complexos. Entre as oposições que abarca, há umas mais significativas que outras; mas [os termos] unidade e “fato de gramática” são apenas nomes diferentes para designar aspectos diversos de um mesmo fato geral: o jogo das oposições linguísticas.

O “jogo das oposições linguísticas” e o sistema linguístico como uma “álgebra” em que “há apenas diferenças sem termos positivos”, passam a constituir-se no estudo da língua em um puro formalismo das unidades linguísticas. Dessa forma, o autor chegou a comparar a Linguística às ciências matemáticas, nas quais tudo é forma.

Sabe-se que a Linguística estuda o plano da expressão e plano do conteúdo, isto é, estuda as relações que se estabelecem entre seus elementos.

Retornando ao conceito de língua como um sistema de signos – faz-se necessária uma abordagem sobre o *signo linguístico*.

Saussure concebe o signo como o resultado de uma imagem acústica (significante) e um conceito (significado), em que o signo não é um dissociável do significado. Nessa relação entre ambos, não há nenhuma motivação naturalmente estabelecida, mas constitui-se de pura convenção social, o que implica que o valor de cada um é puramente formal. Daí, o signo ser arbitrário, em que os aspectos de sua dualidade não se encontram ligados por uma relação naturalmente motivada.

Os signos linguísticos também se organizam em um sistema de valores e se realizam nos diversos atos de fala, com base em dois eixos distintos de relações a que Saussure denominou *relações associativas paradigmáticas e sintagmáticas*.

Pelas relações sintagmáticas, cada signo adquire um valor funcional (sintático e semântico). Representa as relações de contraste em que as unidades se combinam (c + o + m + o = como). Já o eixo *paradigmático* é o que organiza as relações de oposição (ou/ou), em que as unidades se substituem (como/como). Assim, toda a estrutura da língua está sustentada por essas relações de substituição ou de combinação de formas.

Os conceitos formulados por Saussure serviram para que seus sucessores formulassem críticas à Gramática Tradicional, uma vez que o estruturalismo rompe com a abordagem da língua, essencialmente, baseada na Lógica.

Segundo os estruturalistas, a Gramática Tradicional procede misturando os critérios semânticos, morfológicos e sintáticos e as abordagens diacrônicas e sincrônicas, além de tirar seus exemplos na língua escrita. É prescritiva em vez de descritiva, formulando classificações abstrusas e arbitrárias.

O enfoque estruturalista inaugurado por Saussure abre caminho para a consolidação da linguística descritivista. Ao propagar-se o estruturalismo, por influência de divergências entre grupos de estudiosos, tomou novas formas (como exemplo: o funcionalismo representado por Jakobson e Martinet). Várias correntes ou escolas, a partir de grupos de

estudos e pesquisas, denominados *círculos* linguísticos, formaram-se tendo como suporte e fundamentos as proposições saussurianas. Podemos lembrar a Escola de Genebra, que teve em Charles Bally o seu representante principal; a Escola de Praga, com Jakobson e Trubetzkoy à frente, responsáveis pela Escola Funcionalista e outras.

A década de 1930 foi o momento da Fonologia, para o estruturalismo europeu, ou da fonêmica para o estruturalismo norte-americano. Ambos, com nomenclaturas diferentes e até certo ponto independentes um do outro, dedicaram-se aos estudos das unidades mínimas formais não-significativas.

Compreendendo a língua como forma, não poderiam contentar-se com a perspectiva da Fonética, que, estudando a substância fônica, acumulava um número cada vez maior de características e propriedades acústico-articulatórias.

Conceituaram, assim, o fonema, um constructo teórico pertencente à estrutura fonológica da língua, e para isso utilizaram os princípios da oposição e da distribuição. A cada realização efetiva do fonema na enunciação denominaram *fone* e as variações que as formas apresentam condicionadas pelos contextos fônicos em que aparecem, *alofones*. Assim é que o [K] de *quilo* [kilo] e o [K] de cujo [kuzu], embora o primeiro seja menos velar devido a proximidade da vogal anterior [i] e o segundo mais velar devido a presença de [u], vogal posterior, os dois fones são realizações diferentes, portanto *alofônicas* do mesmo fonema [k].

As décadas de 40 e 50 do século XX viram o prestígio da Morfologia. E seguindo os mesmos passos dos estudos fonêmicos, os conceitos de *morfema*, de *morfe* e de *alomorfe*, identificados e concebidos, utilizando-se os mesmos recursos já utilizados na análise fônica – os princípios da distribuição e da oposição.

Os estruturalistas não procuraram trabalhar com o conceito de *palavra* visto não ser um termo científico, mas um lexema retirado da linguagem cotidiana e que apresenta uma grande variedade de sentidos, não possuindo, pois, uma definição rigorosa. Além do mais, perceberam que a palavra nem sempre é uma unidade de sentido indivisível, que grande número delas são constituídas por unidades significativas menores – e são estas unidades ou formas mínimas portadoras de significados que os estruturalistas deram realce, criando assim, o que se chamou de *Morfologia estrutural*.

Dentro dos quadros teóricos estruturalistas, propôs-se o morfema (...) como unidade básica da Morfologia, como alternativa à noção de palavra. Parecia haver interesse em eliminá-la e substituí-la por morfema, no domínio da pesquisa, fundamentalmente, pelas

seguintes razões: primeiro, porque, quando se comparam diferentes línguas, é difícil encontrar uma definição satisfatória para a noção de palavra; segundo, porque, *“perante a existência de muitas palavras complexas, reconhece-se a necessidade de um conceito que corresponde à unidade mínima ao nível da formação de palavras”* (AZUAGA, 1996: 228-229).

2. LEXICOLOGIA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Constitui questão básica a ser estudada no âmbito da Lexicologia e da Linguística geral o estudo da renovação lexical e das mudanças constantes, pelas quais passam as línguas.

Toda língua viva tem por característica a constante renovação de seu léxico. E essa transformação é feita por meio dos processos de formação de palavras, as quais são incorporadas ao novo acervo lexical.

O léxico de uma língua não varia de uma maneira aleatória. A mudança segue uma norma virtualmente existente. Quando a evolução se dá com termos vernáculos, existem os processos de formação de palavras que são utilizados pelos falantes. Os lexemas advindos de outros sistemas linguísticos, passam por adaptações e, normalmente, acabam ajustando-se à estrutura da língua, e muitas vezes, eles chegam a um estágio em que não são mais percebidos como estrangeirismos, pelos próprios falantes da língua.

Deste modo, percebemos que o léxico constitui-se em um sistema aberto que se encontra em constante ampliação. A todo o momento, na língua, palavras e expressões são criadas, ao passo que outras caem em desuso, e se tornam arcaicas. Essa dinâmica lexical é um fenômeno natural, pois assim como ocorrem as transformações históricas no mundo biopsicossocial, as mudanças ocorrem no sistema linguístico.

Diante dessas transformações, estamos convencidos de que se faz necessária a análise dos fenômenos que provocam as renovações lexicais nas línguas.

O sistema linguístico surge paralelamente ao sistema sociocultural. E como este está em constantes transformações provocadas pela grande atividade nas áreas técnico-científicas e econômicas, tem que estar se renovando frequentemente.

Um dos motivos para a existência das transformações lexicais é que o homem a todo o momento “inventa coisas” que precisam ser nomeadas. Outra razão é a necessidade que ele tem de expressar suas emoções e sentimentos.

À Lexicologia, ramo da Linguística, portanto, cabem algumas tarefas. Entre elas, sistematizar esses processos fundamentais de criação e renovação lexicais, além de definir conjuntos e subconjuntos lexicais do universo léxico.

Enquanto a Terminologia se constitui em um conjunto de termos técnicos ou científicos que formam o vocabulário específico de uma ciência, de uma tecnologia, ou de uma área de conhecimento, a Lexicologia se ocupa da criação lexical, do universo de todos os lexemas vistos em sua estruturação, funcionamento e mudança. Tradicionalmente, os estudiosos da Lexicologia têm-se ocupado da problemática da formação de palavras.

Ao fazermos um estudo mais detalhado sobre a história da língua, pudemos observar que os processos de formação estão sempre presentes, e que são amplamente usados no âmbito do vocabulário.

A nossa proposta de reforma da NGB parte, primeiramente, da colocação do tópico: “Processo de formação das palavras”, na “Lexicologia”, pois ela se refere à criação lexical e ao universo das palavras. Dessa forma, salientamos que a formação de palavras é uma questão que diz respeito ao léxico. Os processos não se apresentam, como um problema da Morfologia, mas pertence, por direito e definição, à Lexicologia, que procura estudá-los sob todos os pontos de vista possíveis.

3. PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Instrumento vivo de comunicação de um povo, a que o destino reservou uma situação privilegiada na história, não podia o português restringir-se unicamente ao vocabulário que lhe foi transmitido pelo latim, mas teve necessidade de ampliá-lo, para acompanhar o progresso que se foi desenhando, pelo tempo adiante, nas artes, na indústria, nas ciências, etc... (Coutinho, 1976: 164).

Apoiados na reflexão de Coutinho, concordamos que a língua como um instrumento vivo de comunicação de um povo teve e tem a necessidade de ampliação, de mudanças e de atualizações. E como toda língua viva, o português possui mecanismos linguísticos para ampliar e renovar seu léxico.

Dá-se o nome de “*Processos de formação de palavras*” a esses mecanismos linguísticos que permitem a formação de novos itens lexicais.

Vimos que a NGB teve por finalidade simplificar, padronizar e uniformizar a extensa e variada nomenclatura que existia, antes de sua adoção no ensino brasileiro. Não

apresentou, no entanto, definições, conceituações ou método de exposição. Foi o resultado de uma representação que se convencionou e formalizou-se a partir dos critérios etimológicos, históricos e culturais. Organizou-se com a finalidade de propiciar aos estudantes uma terminologia simples, padronizada e de largo alcance.

Após anos e anos, e principalmente, com os avanços dos estudos linguísticos, podemos perceber que as mudanças ocorridas na língua carecem de uma reformulação e atualização, fundamentalmente científica, da terminologia da NGB, para torná-la mais adequada ao ensino produtivo da Língua Portuguesa, em particular, quanto aos processos de formação de palavras.

A Nomenclatura Gramatical Brasileira necessita de uma atualização urgente, que se fundamente em uma análise que parta de dimensões teóricas e práticas e que descreva o seu funcionamento da Língua Portuguesa no Brasil, com todas as suas peculiaridades. Essa análise é crucial para o encaminhamento da prática educativa. É, pois, necessária, uma revisão nos pontos em que realmente houver premência, sem supervalorizar “diversidades terminológicas” em detrimento da tradição gramatical. A NGB é de fundamental importância para que o ensino seja de base científica, pois, todo e qualquer conhecimento científico tem necessidade de um conjunto de termos rigorosamente definidos, pelos quais designa os conceitos, que lhe são úteis, e esse conjunto constitui a sua *terminologia*. Por isso, o papel da normalização terminológica é essencial, não havendo saber técnico-científico sem uma terminologia própria, específica.

É de extrema importância, buscar primeiramente, o consenso dos estudiosos da língua sobre o sentido e a delimitação do termo, optando-se por aquele que melhor se ajuste ao uso do falante.

Para sanar as dificuldades e lacunas provindas da desatualização da NGB, queremos propor uma normalização e atualização terminológica de uso dos termos gramaticais relativos aos processos de formação de palavras, fixando, oficialmente, um padrão terminológico. Sabemos das possíveis dificuldades de se atingir uma total uniformidade de referência e uso, mas acreditamos ser possível obter um razoável consenso entre os especialistas do assunto.

Neste trabalho, propomos o seguinte quadro classificatório – 2004 – dos processos de formação de palavras a serem desenvolvidos nos cursos fundamental e médio do ensino brasileiro.

Ressaltamos porém, que os processos consignados na NGB não apresentam subdivisões, limitando-se apenas à lista de nomes: 1. Derivação, 2. Composição e 3. Hibridismo.

Organizamos um quadro classificatório com a proposta de formação de palavras. Ei-lo:

Lexicologia

Processos de formação de palavras

1. Derivação

- Prefixação
- Sufixação
- Prefixação e sufixação
- Regressiva

2. Composição

- Justaposição
- Aglutinação
- Siglagem

3. Formações vocabulares especiais

- Reduplicação
- Abreviação vocabular
- Truncação
- Lexicalização de onomatopeias

Em nossa proposta, a *composição* e a *derivação* continuariam como macroprocessos constitutivos do Português, pois estes, são evidentemente produtivos e servem a propósitos distintos, além do que a articulação de ambos constitui um mecanismo de alta eficiência na formação do léxico.

Propomos, ainda, alguns termos relacionados à formação lexical, não consignados pela NGB, os quais podem-se constituir em microprocessos, mas que são considerados viáveis e de grande uso no meio escolar e no processo ensino-aprendizagem. São eles: a *reduplicação*, *abreviação vocabular*, *truncação*, e *lexicalização de onomatopeias*.

Quanto ao *hibridismo* – termo consignado pela NGB - não o consideramos um processo de formação vocabular, visto que o falante, não identifica este tipo de composto

na língua, não conseguindo depreender, sincronicamente, a origem das formas constitutivas e ou mesmo identificar as formas híbridas de origem diferentes. Além disso, o estudo a que nos propomos fazer situa-se em uma perspectiva sincrônica, e notadamente, o hibridismo é um fenômeno histórico, portanto, pertencente aos estudos diacrônicos e etimológicos.

3.1 Derivação

O principal processo e, efetivamente, um dos mais produtivos da língua, que concorrem com maior quantidade de itens lexicais para o léxico é a *derivação*.

Esse processo se caracteriza pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a um radical para a formação de um novo vocábulo.

Em nossa proposta terminológica propomos a classificação do processo de *derivação* em: *prefixação, sufixação, prefixação e sufixação, e regressiva*.

3.1.1 Prefixação – É um processo de derivação e criação lexical que consiste em formar um novo vocábulo por meio do acréscimo de um prefixo a um vocábulo já existente. Os prefixos, por sua vez, apresentam autonomia fonológica, semântica e funcional.

No entanto, apesar de todos os avanços dos estudos linguísticos, as gramáticas tradicionais ainda insistem em seguir o que prescreve a NGB. Trazem também, enormes listas de prefixos, sufixos e seus respectivos significados, arbitrariamente consignados, como se não houvesse outras possibilidades semânticas.

Propomos, portanto, que a prefixação faça parte da derivação já que a tradição assim determina, é uma forma de simplificação terminológica e constitui consenso entre os atuais professores da universidade.

3.1.2 Sufixação – Caracteriza pelo acréscimo de um sufixo ao vocábulo já existente.

Esse processo é bastante produtivo na língua, contribuindo com a maioria dos itens lexicais do universo linguístico da Língua Portuguesa.

3.1.3 Prefixação e sufixação – É o vocábulo que se forma com a junção *não simultânea* de um prefixo e um sufixo. Assim, a palavra *infelizmente* é derivada por *prefixação e sufixação*, porque não recebeu prefixo e sufixo ao mesmo tempo. Quando acrescentamos o sufixo *in-*, já tínhamos formado a palavra *felizmente*; e ao acrescentarmos o sufixo *–mente*,

tomamos a palavra já com o sufixo *in-*. O substantivo *gesso* dá formação a dois verbos: *gessar*, palavra derivada por *sufixação* e *engessar*, palavra derivada por *prefixação* e *sufixação*.

Com relação à *derivação parassintética*, termo que é comumente usado na tradição gramatical e que “qualifica-se pela criação de palavras com o auxílio simultâneo de prefixo e sufixo”, sugerimos que acabemos com essa terminologia, pois nesse caso o problema é de gramática histórica, porque só a história nos pode testemunhar a *simultaneidade*. Digamos meramente que a derivação pode ser formada por prefixação, sufixação ou ambas as coisas.

3.1.4 Regressiva – É um processo que possibilita a formação de novos vocábulos pela redução de um já existente. A redução se faz mediante a supressão dos elementos terminais (sufixo, desinências). Ocorre quando o vocábulo primitivo sofre uma redução: ajuda (de ajudar), trabalho (de trabalhar), castigo (de castigar) etc.

Quanto à classificação *derivação imprópria*, trata-se muito mais de uma questão de sintaxe, com utilização do vocábulo na construção da frase do que propriamente de criação de um novo vocábulo.

Portanto, essa não deve ser incluída entre os processos de formação de palavras que estamos examinando, pois pertence à área da Semântica ou sintaxe como foi afirmado acima.

Com fundamento nos critérios de simplificação terminológica, evitando-se a diversidade de termos usados e buscando conciliar opiniões quanto a nomes entre os professores da universidade, linguistas e gramáticos, respeitando a tradição nos estudos gramaticais é que nos batemos por uma revisão de base em nossa nomenclatura gramatical, sobretudo no sentido de uniformizá-la aos padrões atuais, dando, assim, maior cientificidade aos processos de formação das palavras.

A verdade é que a terminologia se faz necessária ao ensino de qualquer ramo do saber humano; pois cada área tem sua linguagem própria, sua nomenclatura, por vezes, complicadíssima.

3.2 Composição

É um processo bastante rico e diversificado em Língua Portuguesa e amplamente utilizado na imprensa brasileira dos dias atuais (2004).

O que caracteriza e define a função do processo de composição é a sua estrutura. É uma formação de palavras pela união de dois ou mais elementos vocabulares de significação própria, que se combinam para formar uma ideia nova e única.

É preciso lembrar que, em uma abordagem sincrônica, não faz sentido dividir e classificar o que a Gramática Tradicional chama de radicais gregos e latinos, pois esta é uma perspectiva histórica e que não traz proveito para a análise descritiva da Língua Portuguesa.

Consideramo-lo, portanto, um processo autônomo, de formação de palavras em português. Por ele se juntam duas formas já existentes na língua, para a criação de um novo vocábulo, formando uma unidade semântica. Observa-se que nada foi dito a respeito da aglutinação e da justaposição na NGB, termos estes, já consagrados e que oferecem vantagem didática no ensino-aprendizagem.

3.2.1 Justaposição - Consiste em um processo de formação em que dois vocábulos se associam, se juntam, unidos mais frequentemente por hífen, conservando sua autonomia fonética ou mesmo mantendo sua individualidade semântica e mórfica, como, por exemplo, em *passatempo*, *sempre-viva* e numerosas outras ocorrências lexicais.

3.2.2 Aglutinação – É um processo não consignado pela NGB formado pela fusão de elementos preexistentes na língua, ocorrendo perda de fonemas (acento tônico, vogais ou consoantes) como por exemplo em: *boquiaberto*, *pernalta*, etc.

3.2.3 Siglagem – As derivações sigladas ou siglas funcionam normalmente como palavras usuais da língua. Aparecem grafadas com letras maiúsculas, reduzindo o sintagma a uma forma mais simples. As siglas não devem ser confundidas com a abreviação vocabular, nem com a abreviatura.

As siglas são formadas, em geral com as iniciais das palavras que formam o nome de instituições, sociedades, organizações, partidos políticos, associações etc. O nosso cotidiano está, e a cada dia mais, tomado pelas siglas. A maior prova é a primeira página de qualquer jornal; como podemos perceber em: *Poluição em SP atinge índices altíssimos*.

Muitas vezes, os falantes desconhecem totalmente o significado da sigla e do vocábulo composto de onde provém a *sigla*. Apesar de serem utilizadas com muita frequência: *CPF*, *CEP*, *SEBRAE*, etc..., estas formações nem sempre são traduzidas

literalmente, mas passam a funcionar como vocábulos autônomos e com significação própria dentro de sistema lexical da língua.

Por uma questão de economia fonética, lexical e discursiva faz com que pronunciemos poucas sílabas ou letras, tornando a fala mais harmoniosa e menos repetitiva.

Consideramo-lo um vocábulo de origem composta e para tal categorização, é uma das formas de *composição vocabular*.

3.3 Formações vocabulares especiais

Além da proposta de reformulação e atualização dos processos de formação de palavras considerados os mais produtivos e mais comuns na Língua Portuguesa do Brasil, apresentaremos algumas formações vocabulares especiais, que muito tem ocorrido no português contemporâneo brasileiro.

3.3.1 Reduplicação – Consiste em um processo em que se repetem sílabas ou vocábulos, produzindo uma criação lexical marcada pela expressividade.

Muitas vezes, a repetição refere-se à imitação de um barulho ou ruído. Podemos citar alguns exemplos como: *zum-zum*, *reco-reco*, *teco-teco*, *tique-taque*, *trança-trança*, *etc...*

3.3.2 Abreviação vocabular – É a redução de vocábulos até o limite da compreensão. Caracteriza-se como um processo bastante produtivo na vida moderna do Brasil, colaborando para a brevidade e descontração da comunicação linguística. Neste processo, o falante faz um corte, às vezes radical, da palavra, resultando daí em um vocábulo menor, como podemos perceber em: *cine* (de *cinematógrafo*), *quilo* (de *quilograma*), *foto* (de *fotografia*), *etc...*

3.3.3 Truncação – É um processo de formação de palavras que constitui-se de um tipo de abreviação em que uma parte da sequência lexical, geralmente a final, é eliminada.

Assim como a derivação siglada é um processo que se caracteriza pela economia da linguagem, o mesmo se pode dizer da derivação truncada; onde o falante muitas vezes procede a um corte da palavra, resultando daí um vocábulo menor, sob o ponto de vista fônico.

Esse corte ocorre de várias maneiras, ora no sufixo, em uma das bases da composição ou se dá de forma aleatória, sem se levar em conta a estrutura do vocábulo ou da base. Pode-se observar que na derivação truncada não há mudança de classe. É o que se dá por exemplo, com: português – portuga

Delegado – delega

Odontologia – odonto

Motocicleta – moto

Cerveja – cerva

Cinematográfico – cine

Flamengo – fla

3.3.4 Lexicalização de onomatopeias – Processo de reduplicação que ocorre nos elementos de um vocábulo ou repetições vocabulares. Consiste na imitação de sons, seja o som das vozes dos animais, seja o som dos ruídos da natureza, ou mesmo o som produzido pelos objetos e pelo próprio homem. Por exemplo, o homem, imitando a voz do gato, criou a palavra *miau* e o respectivo verbo *miar*; para o barulho do trovão, o verbo *trovoar*, para o barulho do relógio, *tique-taque* e outras.

E para a construção dessa proposta nos pautamos em critérios que facilitem a compreensão do aluno e à adoção no ensino escolar. Procuramos nos basear e fundamentar nos seguintes princípios norteadores:

- 1 – Simplicidade terminológica.
- 2 – Consenso entre os professores da Universidade.
- 3 – Cientificidade e fundamentação teórica.
- 4 – Tradição nos estudos gramaticais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A terminologia aqui proposta não pretende, na verdade, ser um programa, mas procura, antes de tudo, constituir-se num conjunto logicamente ordenado e com valor científico.

Assim, procuramos aproveitar o máximo possível da nomenclatura tradicional, a qual já está consolidada na memória dos falantes, propondo modificá-las apenas naqueles pontos em que a mudança vai facilitar, para o aluno, uma assimilação mais científica da língua. Nossa proposta de reformulação terminológica cinge-se ao mínimo necessário à atualização do tópico: “*formação das palavras*” da NGB atual.

Temos consciência de que a terminologia Gramática em vigor no texto oficial, deixa muito a desejar, havendo a necessidade de uma revisão e possível atualização.

As dificuldades que ela impõe não devem ser pretextos para a inércia e o comodismo;;e se é desejável que se chegue rapidamente à elaboração de uma terminologia mais satisfatória e atual, é preciso que adaptemos as inovações, sem no entanto, abandonar a tradição que ainda hoje perpetua ,internalizada nas atividades gramaticais das nossas salas de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anteprojeto de simplificação e unificação na Nomenclatura Gramatical Brasileira – MEC – Rio de Janeiro, 1957.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1969.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **“O estruturalismo linguístico”**. In: Revista Tempo Brasileiro n.º 15/16, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro LTDA, s.d.

_____. **História e estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

_____. **Nomenclatura Gramatical Brasileira**. In: DISPERSOS – Seleção e introdução por Carlos Eduardo Falcão Uchoa – Rio de Janeiro: FGV, 1972.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luiz F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FREITAS, Horácio Rolim de. **Princípios de morfologia**. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

KEHDI, Valter. **A parassíntese**: problemas de caracterização. Estudos linguísticos: XVIII Anais de Seminários do GEL, 1989.

KURY, Adriano da Gama. **Pequena Gramática** - Para explicação da nova nomenclatura gramatical. Rio de Janeiro: Livraria Agir editora, 1959.

LUFT, Celso Pedro. **Gramática resumida**; explicação da nomenclatura oficial brasileira. São Paulo, Globo, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.